



Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade

João Batista Begnami
Thierry De Burghgrave
Organizadores

UNEFAB
Orizona, GO
Julho, 2013

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

União Nacional das Escolas Famílias

Agrícolas do Brasil – UNEFAB

Rua Getúlio Vargas, 33 – Centro

CEP 75280-000 Orizona, GO

Fone/Fax: (64) 3474-2074

unefab@unefab.org.br

Instituição responsável pelo conteúdo

UNEFAB

Imagem da capa

Felipe Ávila

Fotos

Arquivo da UNEFAB

1ª edição

1ª impressão (2013): 850 exemplares (UNEFAB)

1.150 exemplares

(Embrapa Informação
Tecnológica)

Embrapa Informação Tecnológica

Parque Estação Biológica (PqEB)

Av. W3 Norte (Final)

CEP 70770-901 Brasília, DF

Fone: (61) 3448-4236

Fax: (61) 3448-2494

www.embrapa.br/liv

vendas.sct@embrapa.br

Instituição responsável pela edição

Embrapa Informação Tecnológica

Coordenação editorial

Selma Lúcia Lira Beltrão

Lucilene Maria de Andrade

Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial

Juliana Meireles Fortaleza

Revisão de texto

Maria Cristina Ramos Jubé

Normalização bibliográfica

Celina Tomaz de Carvalho

Editoração eletrônica e capa

Júlio César da Silva Delfino

Direitos desta edição cedidos à União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/1998).

Pedagogia da alternância e sustentabilidade / organizadores, João Batista Begnami, Thierry De Burghgrave. –

Orizona : UNEFAB, 2013.

279 p. : il. – (Coleção Agir e Pensar das EFAs do Brasil)

ISBN 978-85-64475-01-4

1. Educação Ambiental. 2. Educação do Campo. 3. Educação rural. 4. Escola Família Agrícola (EFA). I. Begnami, João Batista II. De Burghgrave, Thierry.

CDD 372.357

© Copyright 2013

Este livro é publicado pelo Selo Editorial “AGIR E PENSAR DAS EFAs DO BRASIL”
da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB.

unefab@unefab.org.br

Livro publicado:

Vagabundos, Não Senhor Cidadãos Brasileiros e Planetários! Uma experiência educativa pioneira do campo. Thierry De Burghgrave

A UNEFAB é filiada à Associação Internacional dos Movimentos Familiares
de Formação Rural – AIMFR.

Dedicatória

Este livro é dedicado a todos(as) os(as) agricultores(as) familiares, jovens camponeses(as) e educadores(as) da Alternância e da Educação do Campo, envolvidos(as) e responsáveis na gestão de Centros Familiares de Formação em Alternância em todo Brasil que, por meio da Educação em Alternância, praticada a partir da realidade da agricultura familiar e da gestão compartilhada entre as famílias camponesas e suas organizações, lutam por outro modelo de sociedade com mais justiça e partilha dos frutos do trabalho.

Agradecimentos

A todos e todas que colaboraram com a realização do Curso de Especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo, em especial ao Movimento dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs) que contribuíram, ao liberar os(as) educadores(as) para participarem do curso, animando-os(as) e incentivando-os(as) no processo da formação e da execução do Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica (PPEP), trabalho exigido para a conclusão do curso.

Aos educadores(as) da Alternância (formadores(as), monitores(as)) que participaram dessa jornada de formação, esforçando-se para realizar o curso até o final, elaborar a pesquisa que permitiu deixar um registro sistematizado, com uma produção de conhecimento específico sobre as diversas práticas educativas em Alternância nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), Casas Familiares Rurais (CFRs) e Escolas Comunitárias Rurais (ECORs), conquistando um importante espaço de reconhecimento e fortalecimento dos territórios educativos da Educação do Campo no Brasil.

Aos formadores(as), ligados direta ou indiretamente às Associações Regionais dos CEFFAs e à União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB) que contribuíram de forma imprescindível no processo da coorientação dos projetos de pesquisa dos educandos e na coanimação das sessões do curso na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), construindo uma parceria de mútuo benefício entre a instituição demandante e a universidade, em especial ao Idalino Firmino dos Santos (AMEFA), Hildete Margarida Rodrigues (RAEFAP), João Batista Begnami, Luiz da Silva Peixoto (UNEFAB) e João Emílio Lemos Pinheiro (AEFAPI).

Aos formadores(as) do movimento e parceiros que atuaram no curso e no III Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil: Práticas e Pesquisas sobre a Formação em Alternância e Sustentabilidade: Thierry De Burghgrave, Sérgio Zamberlan, Flávio Moreira (UFT), João Batista Pereira de Queiroz (UnB), Janinha Gerk de Jesus (UFES), Rogério Caliari (UFES),

José de Arimatéia Dias Valadão (UFPE), Ludmila O. H. Cavalcante (UEFS), Luis Pedro Hillesheim (URI e CFR de FW/RS), Lourdes Helena da Silva (UFV), Marinalva Jardim Franca Begnami (FAE/UFMG), Paolo Nosella (UFSCar e UNINOVE), Pedro Puig Calvo (AIMFR), Roberto Garcia Marirrodriga (AIMFR), Américo Sommerman (Cetrans-USP), José Maria Barbosa de Jesus (SEE/DF), Adair Pozzebon (AGEFA), Agostinho Barrionuevo, Vitor Mota (MEPES), Frei Gilvander Moreira (CPT, MST, Via Campesina), Maria do Socorro Silva (UFPB).

Ao Núcleo de Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial, Maria Isabel Antunes Rocha quem acolheu o pré-projeto do curso de especialização com a diretoria da FAE; Maria de Fátima de Almeida Martins, coconstrutora do projeto e coordenadora geral do curso; Cristiane Freitas, apoio pedagógico e Andrea Crispim; bem como ao grupo de professores da FAE que atuou no curso e no III Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância: Inês da Assunção de Castro Teixeira, Carlos Eduardo da Silva Mazzetto (in memoriam), Ana Maria Galvão, Maria Amália Almeida Cunha, Miguel Gonzáles Arroyo, Luiz Roberto de Paula, Antônio Julio de Meneses, Licínia Maria Corrêa, Vândiner Ribeiro, Rosely Carlos Augusto, Lívia de Rezende Cardoso, Geraldo Magela Pereira Leão, Andréa Moreno, Antonia Vitória Soares Aranha, Thiago de Souza Nascimento e Samira Zaidan, diretora da Faculdade de Educação.

Ao MEC e MDA, pelo apoio financeiro que viabilizou a realização do curso.

À UNEFAB, pelo apoio complementar ao curso e ao seminário; e às regionais que disponibilizaram seus formadores para a coanimação do curso: AMEFA, AEFAPI e RAEFAP.

Enfim, aos demais autores que contribuíram para a construção deste livro; em especial, Antônio Baroni Rocha, presidente da UNEFAB, Carlos Humberto Osório Castro pela colaboração na revisão da tradução dos textos em Espanhol. À Embrapa Informação Tecnológica, pelo apoio à publicação deste livro.

Palavras iniciais

*A educação é um processo social, é desenvolvimento.
Não é a preparação para a vida, é a própria vida.*

John Dewey

Cada dia que passamos vivenciando o dia a dia de um Centro Familiar de Formação por Alternância (CEFFA), interagindo com os estudantes, com as famílias, monitores e parceiros, vamos percebendo e destacando as razões do nosso trabalho.

O movimento dos CEFFAs no Brasil não tem um fim em si mesmo, mas, antes, e acima de tudo, tem por objetivo contribuir para a formação dos jovens camponeses, de suas famílias, de modo que o meio social onde estão inseridos tenha possibilidades novas de desenvolvimento e de fortalecimento da agricultura familiar.

O III Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil: Práticas e Pesquisas sobre a Formação em Alternância e Sustentabilidade não tem um fim em si mesmo, mas foi realizado em vista de apoiar o trabalho de cada um dos nossos CEFFAs no Brasil, contribuindo com análises teóricas das nossas práticas. Ele foi realizado de forma integrada ao curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo (PAEC) demandado pela rede dos CEFFAs, por meio da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB) e a Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Nordeste e Norte do Brasil (ARCAFAR NE/NO) e realizado pelo Núcleo de Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Realizar um seminário internacional, junto com a equipe pedagógica latino americana e integrado com o curso de especialização, é um desafio e uma satisfação. Este livro, que arduamente foi construído, é um registro coletivo, resultante desse importante evento promovido pelos CEFFAs do Brasil, em parceria com a universidade. Por isso, ele é fruto do sonho concreto de vários(as) monitores(as), educadores(as) da Alternância, agricultores(as)

familiares que apostam nesse projeto educativo diferenciado e de parceiros do movimento.

Um livro é um instrumento. Pode ser usufruído ou apenas guardado. Acreditamos que nossas produções servem para qualificar nosso trabalho, de fornecer ferramentas aos nossos(as) monitores(as) e pesquisadores(as), quiça monitores(as)-pesquisadores(as), de modo que possam ir, no dia a dia de cada CEFFA, aprimorando as práticas e reelaborando as teorias, tendo sempre em vista nosso objetivo de contribuir para a formação dos(as) jovens e de suas famílias, atuando diretamente no campo brasileiro.

Não esqueçamos nunca que a vida não cabe nas teorias, mas que as pesquisas são vitais para irmos em frente. São elas, quando realizadas ligadas à realidade, que vão problematizar nossas práticas e requalificá-las numa relação de contínua construção.

Eu sou um agricultor familiar, assentado da reforma agrária, e é com muita alegria que vejo o dia a dia do CEFFA que vivencio chegando à universidade e sendo problematizado de forma a ser devolvido aos agentes envolvidos no trabalho cotidiano de formar os semeadores do futuro da agricultura familiar e da reforma agrária.

Este livro reúne 15 artigos, sendo 5 com conteúdos de ordem mais conceituais sobre os princípios da Pedagogia da Alternância, um dos pilares meios dos CEFFAs e as suas relações com a sustentabilidade ou o desenvolvimento sustentável, um dos pilares fins dos CEFFAs. Os demais artigos são originados de pesquisas sobre as práticas educativas dos CEFFAs no Brasil. Pedro Puig Calvó e Jean-Claude Gimonet abordam as aprendizagens e relações humanas na Formação em Alternância, apresentando a Alternância como uma pedagogia multidimensional e de múltiplas relações. Roberto Garcia Marirrodriaga apresenta-nos os desafios de uma Formação em Alternância para uma ruralidade sustentável. *Do desenvolvimento sustentável à sustentabilidade do envolvimento: ou simplesmente bem viver?* Este artigo do Carlos Eduardo da Silva Mazzetto instiga-nos a repensar e desconstruir a categoria desenvolvimento sustentável,

propondo outros paradigmas. Inês da Assunção de Castro Teixeira, de uma forma original, escreve cartas apontando os elementos essenciais para a nossa aprendizagem sobre o fazer pesquisas. Paolo Nosella discute a formação pelo trabalho, no contexto da Pedagogia da Alternância, defendendo a tese de que o trabalho é o princípio educativo geral de todo o sistema escolar. *O estado da arte da Pedagogia da Alternância no Brasil*, de João Batista Pereira de Queiroz, ressalta que a Alternância ganha visibilidade na sociedade brasileira, ao despertar interesse, tanto como prática educativa para além dos CEFFAs, quanto objeto de pesquisa. Lourdes Helena da Silva vai um pouco nessa mesma linha de Queiroz, com o texto *Novas faces da Pedagogia da Alternância na Educação do Campo*. Luiz Pedro Hillesheim contextualiza a Pedagogia da Alternância na prática das Casas Familiares Rurais do Rio Grande do Sul. Janinha Gerk de Jesus, com base na sua pesquisa de mestrado, dá vozes aos monitores pelo trabalho apresentado a partir de sua pesquisa que dialoga com a formação e os saberes dos monitores. Rogério Caliarí, baseado em suas pesquisas de mestrado e doutorado, revela-nos em seu texto, *Alternância e sustentabilidade: suportes para valorizar a vida, dignificar a pessoa e tecer relações entre saberes*. Ludmila Cavalcante discute a sustentabilidade na perspectiva do campo e da Pedagogia da Alternância, buscando uma análise socioambiental. A relação família e estado e as implicações para o papel sustentável dos CEFFAs é a discussão de José de Arimatéia Dias Valadão. Marinalva Jardim Franca Begnami, a partir de sua pesquisa de mestrado na EFA Bontempo, em Minas Gerais, apresenta os desafios e as possibilidades do Projeto Profissional do Jovem como meio de inserção socioprofissional. O grupo de estudantes do curso PAEC, Evilânia Bento da Cunha, Francisco J. Rodrigues da Silva, Gilmar Vieira Freitas, Maria A. B. Monte, Maria Cecília C. de Farias e Roberto Telau, à luz dos aprofundamentos práticos e teóricos mediados pelo curso, refletem acerca da contemporaneidade da Pedagogia da Alternância no Brasil. *Os CEFFAs e a pesquisa* é uma provocação que fazem João Batista Begnami e Luiz da Silva Peixoto, acerca da necessidade dos sujeitos implicados nos CEFFAs conquistarem mais espaços no campo da

pesquisa acadêmica, revertendo o desafio da lógica da pesquisa sobre para a pesquisa para a Pedagogia da Alternância e os CEFFAs. O texto sugere temas que poderiam se tornar objeto de pesquisa para os CEFFAs. Por fim, o livro registra a lista dos Projetos de Pesquisa e Experimentação Pedagógica (PPEP) com seus respectivos autores e autoras.

Acreditamos, como UNEFAB, que os trabalhos acadêmicos de pesquisa apresentados aqui, e que estão sendo realizados pelos especializandos do curso PAEC, serão importantes mecanismos de avaliação e aprimoramento das nossas práticas educativas em Alternância. Afinal somos nós olhando para nós mesmos. Como diz Dewey, “é a vida”. E a vida da gente e das nossas famílias é coisa muito séria.

Antonio Baroni Rocha

Presidente da União Nacional das
Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB)

MENSAGEM AO LEITOR

Uma escola para a vida

Tenho viajado pelo Brasil e encontrado muitas experiências que me deixam feliz, animado e mesmo emocionado. Uma destas experiências é a das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), hoje espalhadas por todo o território nacional.

Ouçõ em muitos lugares que o interior do Brasil está se esvaziando, que os filhos dos agricultores estão deixando a roça, migrando para a cidade. Os jovens agricultores não ficam na roça por muitas razões: falta de melhores condições de vida e sobrevivência; pouco acesso a políticas públicas de educação, saúde, lazer e cultura; busca de novos horizontes e de um futuro digno para si e sua família.

Todos sabemos que 70% da comida que vão para a mesa de brasileiras e brasileiros vêm do esforço e do trabalho de jovens agricultores, de mulheres agricultoras, de homens agricultores, que plantam de sol a sol e colhem as frutas, os legumes, as verduras, o feijão e o milho com o suor do seu rosto.

Os governos Lula e Dilma, dos quais tive e tenho a honra e oportunidade histórica de participar, sempre deram prioridade à agricultura familiar. Criaram muitos programas para melhorar a vida no campo e garantir a sustentabilidade da agricultura familiar, para que os jovens agricultores possam continuar na roça e produzir os alimentos necessários para a mesa de todos os brasileiros. Cito o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o fortalecimento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o reforço ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o Programa Mais Alimentos, o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO), o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), o Pró-Jovem Campo, a inclusão digital, as políticas de agroecologia e produção orgânica, de segurança alimentar e nutricional, de extensão e assistência técnica rural (ATER), os programas de economia solidária, além dos esforços de melhorar a infraestrutura

no campo para haver melhor qualidade de vida em qualquer comunidade de qualquer rincão brasileiro.

As Escolas Famílias Agrícolas e sua Pedagogia da Alternância são, portanto, tão importantes e merecem integral apoio. Um dia na roça, um dia na escola, uma semana na escola, uma semana na roça: o jovem agricultor aprende a fazer, reflete e estuda sobre o que faz e volta a fazer melhor. Como sempre dizia o mestre educador Paulo Freire, a partir da prática e da realidade, fazemos a reflexão e voltamos a uma nova prática.

As Escolas Agrícolas são um exemplo do que a sociedade e a comunidade podem fazer e construir. Eu disse uma vez, num encontro da Rede de Educação Cidadã, e repito aqui, sobre o trabalho das Escolas Famílias Agrícolas:

Se eu pudesse definir o trabalho de vocês, me permitam retomar uma figura do Evangelho, é o fermento na massa, do fermento silencioso, sem aparecer nada, quase se confundindo com a massa. Torna-se massa, como e quando se bate o pão. O fermento desaparece no pão. Mas no silêncio aquela massa vai levedando, fazendo com que a massa cresça e aconteça o pão. Assim eu enxergo o trabalho de vocês. Vocês, educadores, educadoras, jovens alunos e alunas das Escolas, têm, nós temos, uma enorme responsabilidade, que é manter viva essa chama, manter viva essa teimosia da afirmação de que de fato, não na retórica, não na poesia, mas, na prática, é possível construir uma nova sociedade, uma nova relação, um novo homem, uma nova mulher, um novo jovem, e assim por diante, dentro daquilo que a gente chama de um projeto de fato sustentável para o Brasil, para a América Latina. Então, o fato de vocês serem militantes de uma causa, serem esse fermento que está ajudando a qualificar a atuação de nossos jovens agricultores e agricultoras, é para nós uma preciosidade. Eu espero que vocês tenham força, energia, generosidade no coração para continuar fazendo essa tarefa, porque ela é fundamental para tudo aquilo que a gente sonha para o nosso país.

Estamos construindo o Brasil do futuro, com desenvolvimento sustentável, com comida nas mesas de todos, com cuidado com o meio ambiente e a natureza. As Escolas Famílias Agrícolas fazem parte desta história e deste futuro.

O livro, com suas reflexões, textos, cartas pedagógicas, fruto do III Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil: Práticas e Pesquisas sobre a Formação em Alternância e Sustentabilidade, é uma história muito bonita. Vale a pena saboreá-lo. Espero que essa história das Escolas Famílias Agrícolas crie outras histórias e muita esperança.

Gilberto Carvalho

Ministro-Chefe da Secretaria-Geral
da Presidência da República

PRÓLOGO

A prática da e na Alternância no curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo (PAEC)

Apresentação

A coordenação do curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo representou para nós, da universidade, um exercício importante e rico sobre a prática da Alternância. Essa experiência foi representativa, tanto para a coordenação nos diálogos iniciais com o movimento dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs), como na sequência desses diálogos com as diferentes instâncias da universidade.

A importância dessa observação deve ser ressaltada, por ter sido esta, desde sua elaboração curricular, um momento pedagógico na relação entre a universidade e o movimento, mas, ao mesmo tempo, um estranhamento entre ambos em direção à análise da prática. Considero, portanto, esse momento muito especial, por conter, em si, uma riqueza pedagógica no processo de constituição de um projeto político de inclusão da classe trabalhadora do campo.

Apresentaremos, a seguir, de forma sucinta, nosso entendimento mais amplo acerca da educação do campo, assim como a proposta do curso, de como foi construída e executada, como uma atividade integradora e inclusiva, considerada como um avanço das discussões e reflexões no âmbito da Educação do Campo. Essa experiência vem retratar uma das formas de aproximação das discussões sobre a Pedagogia da Alternância, entendida alhures da prática, mas também como possibilidade teórica de uma prática da e na educação do campo.

A Educação do Campo

Partimos do pressuposto de que a *educação é fundante na formação do homem*. Nesse sentido, ultrapassa as formas adjetivadas. Por que então falar de uma educação do campo? Concor damos com Vendramini (2007, p. 128)¹ quando assinala que

O nome educação do campo, ainda que incorpore uma rica discussão e mobilização social, tem limites em termos de capacidade explicativa, tendo em vista a já assinalada diversidade de sujeitos, contextos, culturas e formas de produção e ocupação do meio rural.

Entendemos que, no presente caso, a adjetivação ajuda a elucidar especificidades próprias do movimento da vida social dos sujeitos envolvidos. Considerando que numa ação educativa que se pretende transformadora e emancipatória é fundamental ter em conta os processos formadores dos sujeitos, essa seria uma forma de favorecer a autonomia. Nesse sentido é que compreendemos a “[...] elaboração da própria identidade e de projetos coletivos de mudança social a partir das próprias experiências” (SADER, 1988, p. 53)² como a forma pela qual as propostas educativas do e no campo possam ser desenvolvidas nos seus diferentes espaços e contextos.

A discussão sobre a formação inicial e continuada do professor do campo, dessa forma, contém uma história de luta e embate na conquista de seus direitos por uma educação de qualidade e que ultrapasse as fronteiras do urbano e alcance o campo. Essa luta tem suas raízes nos movimentos que lutaram por uma educação para além do rural, educação essa que estava formatada sob o signo do assistencialismo latifundiário, que reforçava a dominação assentada na prática da benemerência e a permanência da desigualdade do direito à terra, para pensar e formular, sob outros contornos e significados, a educação dos

¹ VENDRAMINI, C. R. Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. *Cadernos do CEDES*, Campinas, v. 27, n. 72, p.121-135, maio/ago. 2007. (Educação do Campo).

² SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

que vivenciam o campo e relacionam-se com a terra como lugar da existência e realização da vida. Como campo de luta política, o movimento pela educação ganha maior significado, na medida em que esclarece o processo em que se estruturam e se constituem as representações de rural e de urbano em nossa sociedade, o qual não pode ser separado da luta pelo espaço. Nosso entendimento caminha no sentido de compreender o processo geral de formação da sociedade que ganha concretude econômica, política e social, como sendo este que constitui e dá vida à educação. Ou seja, que

[...] as determinações gerais do capital afetam profundamente *cada âmbito particular* com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas as instituições educacionais formais. Estas estão estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com *as determinações educacionais gerais da sociedade* como um todo. (MÉSZÁROS, 2005, p. 43, grifos do autor)³.

Insistimos, portanto, que a adjetivação do campo na expressão educação do campo é necessária para qualificar e demarcar as práticas pertinentes à educação referidas à espacialidade do campo. Entretanto, consideramos que essa adjetivação deve ser circunscrita ao âmbito político, vinculada às lutas sociais de afirmação dos direitos dos sujeitos que vivem no ou do campo. Isto é, entendemos que se faz educação para e pela autonomia dos sujeitos; e, se estes estão no ou são do campo, vivem relações sociais específicas da vida no e do campo e devem ser educados para que “se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino”. (CALDART, 2008, p. 151)⁴.

Por outro lado, ao pensar a educação do campo, retomando a relação campo-cidade, não se pode analisar tendo-a em oposição à educação da cidade, sem relacioná-la com essa problemática. A educação do campo deve ser pensada tendo como ponto de partida a divisão campo-cidade, que é a primeira divisão social

³ MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

⁴ CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma Educação do Campo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 147-158.

do trabalho. Nesse sentido, pensamos que a educação do campo deve constituir um projeto revolucionário, isto é, deve ir além de reforçar, no próprio local, o lugar social a que historicamente o campo tem sido relegado, sob pena de tornar-se apenas um projeto reformista. Entendemos, assim, que a adjetivação da educação é importante sob vários aspectos apontados, por exemplo, por Caldart (2008)⁵, porém a questão deve ser abordada sempre na perspectiva mais geral das relações da reprodução da sociedade capitalista como um todo.

O curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo (PAEC) e sua história na Faculdade de Educação (FAE)

Como proposta pedagógica, o curso teve como objetivo realizar a formação de formadores(as), em nível de Especialização *Lato Sensu* em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo, para 40 formadores dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs) do Brasil, vinculados(as) à União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), às Associações Regionais de Casas Familiares Rurais (ARCAFARs), com a finalidade de atuarem na formação inicial e continuada dos(as) Educadores(as), Monitores(as) das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e Casas Familiares Rurais (CFRs) e em parceria com os CEFFAS. O objetivo, portanto, foi formar um quadro de formadores(as) dos CEFFAs, como especialistas em Pedagogia da Alternância, que atuem na formação no âmbito nacional para que possam contribuir na construção e fortalecimento da educação do campo por Alternância no Brasil.

O curso foi realizado em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Faculdade de Educação (FAE), dentro do programa de ensino, pesquisa e extensão em

⁵ CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S., MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma Educação do Campo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 147-158.

Educação do Campo e Sustentabilidade (EDUCAMPO). Seu objetivo foi fortalecer as discussões e práticas acerca da educação do campo no âmbito da Faculdade de Educação, para além da formação superior inicial. Esse curso foi a primeira experiência na pós-graduação voltada às discussões sobre a prática pedagógica no e do campo, a partir da prática da Alternância.

Nesse sentido, a UFMG desempenhou um papel pioneiro no processo de formação de professores do campo, hoje, no Brasil. Essa experiência histórica do processo de inclusão inicia-se com o curso especial de Pedagogia da Terra (com uma turma formada por 60 alunos em 2005, oriundos do Movimento dos Trabalhadores sem Terra e da Via Campesina) que serviu de modelo para a expansão da experiência para outras universidades brasileiras, por meio do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO), um programa implementado pelo Ministério da Educação (MEC) para habilitar educadores do campo e para o campo. Por intermédio do PROCAMPO, outra experiência foi efetivada com a ampliação na participação de novos sujeitos coletivos do campo, como os sindicatos, as prefeituras e os movimentos sociais. Essas ações iniciais foram importantes para que essas questões sobre a formação do professor do campo fossem incorporadas na pauta de um processo que desencadeou a institucionalidade desses cursos, e, assim, a universidade assumisse efetivamente um processo de inclusão dos povos do campo.

Dessa experiência, a licenciatura foi efetivamente assumida como curso regular atendendo às demandas das bases e aproveitando a oportunidade do programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a partir de 2009, sendo o primeiro vestibular realizado em dezembro de 2008. O curso regular tem como forma metodológica a organização por Alternância, e, além disso, a participação dos movimentos sociais no âmbito do processo de gestão do curso dá-se por meio de uma comissão interinstitucional.

A organização curricular do curso inova ao ofertar a formação por grandes áreas do conhecimento, sendo estas assim

constituídas: Linguagens (Licenciatura em Língua Portuguesa, Artes, Literatura e Inglês); Ciências da Vida e da Natureza (Licenciatura em Matemática, Física, Biologia e Química) e Ciências Humanas (Licenciatura em História, Geografia, Sociologia e Filosofia) e Matemática. O projeto de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo está ancorado no âmbito da equipe que coordena e executa os cursos de Licenciatura em Educação do Campo citados acima.

No caso da expansão da formação em direção à pós-graduação, com formação de especialistas em Pedagogia da Alternância, pelo curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Pedagogia da Alternância, a UFMG e a UNEFAB estão desempenhando um papel de grande relevância na construção da educação do campo por permitir que efetivamente haja:

- 1) Uma contribuição para a educação do campo no Brasil e, especificamente, para os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs), como propôs a II Conferência Nacional por Uma Educação do Campo ao exigir: valorização e formação específica de educadoras e educadores do campo por meio de uma política pública permanente; formação de profissionais para o trabalho no campo por meio de uma política pública específica e permanente; investimento na formação e na profissionalização dos educadores e educadoras e outros profissionais que atuam no campo.
- 2) Um avanço no processo de integração do ensino, pesquisa e extensão com o movimento CEFFA no Brasil.
- 3) Uma inovação, pois, é o primeiro curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo no Brasil, e, porque, apesar da importância no mundo atual, a Pedagogia da Alternância é uma área pouco explorada e conhecida.
- 4) Um avanço no comprometimento das universidades e centros de pesquisa com a educação do campo e os CEFFAs.

A metodologia utilizada seguiu os princípios da Pedagogia da Alternância, em que pela

“[...] alternância integrativa’ ocorrerá uma ‘compenetração efetiva’ ou ‘ligação permanente’ entre o CEFFA e o curso. Por isso, não se fala de atividades complementares, mas de interação permanente entre as atividades formativas e o trabalho do(a) formador(a) que também possui peso e lugar privilegiado de formação neste Curso.” (2009, p. 9)⁶

Por isso, o curso partiu da prática profissional do formador(a) em vista de compreendê-la, aprofundá-la e melhorá-la articulando-a às formas da produção do conhecimento acadêmico.

A prática socioprofissional como uma componente formativa que se integra no processo de formação por Alternância foi constituída como um permanente diálogo entre as diferentes formas de apreensão e produção de uma prática que ganhasse significação como práxis⁷.

⁶ **Projeto Político Pedagógico do Curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo** - PAEC. 2009. p. 9.

⁷ O sentido aqui referido à práxis e à educação está ancorado no que Justino Souza Júnior (2008) afirma de que “[...] o conceito de educação, torna-se possível não apenas para identificar uma perspectiva marxiana de educação, isto é, elementos que fundamentam e orientam a reflexão sobre a educação, como se pode falar mesmo num programa de educação, ou seja, pode-se mesmo falar de numa elaboração em que a educação adquire contornos programáticos, ou seja, definindo claramente concepção, princípios, propostas, estratégias, finalidade, etc. Uma perspectiva marxiana de educação se constrói a partir da própria constatação da presença de um forte caráter educativo nas formulações marxianas sobre a práxis, o trabalho, a alienação, a coisificação, a revolução, a emancipação, a construção do homem novo, enfim. Neste sentido, pode-se mesmo afirmar que as concepções de Marx sobre o homem, a sociedade, a história, a transformação social, etc, formam uma rica perspectiva de educação” (SOUSA JÚNIOR, 2008, p. 2). Para aprofundar as análises sobre a práxis, consultar também Vasquez (2007), Konder (1992), Kosik (1995), bem como Lefebvre (1968). Ver as referências:

SOUSA JÚNIOR, J. de. **Trabalho, práxis e o Programa Marxiano de Educação, GT-09: trabalho e educação**. 2008. p. 2. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT09-4739--Int.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LEFEBVRE, H. **Sociologia de Marx**. Tradução, Carlos Roberto Alves Dias. São Paulo: Forense, 1968. cap. 2, p. 17-41

Organizado em Alternância, o curso assumiu uma configuração com três sessões de formação na universidade com duração de 12 dias cada e um seminário final de defesa do Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica (PPEP), perfazendo um total de 600 horas, sendo 340 horas destinadas para as sessões escolares e 260 horas para as vivências socio-profissionais. Ao todo, foram 18 meses de formação.

Seguindo os princípios da Pedagogia da Alternância, os estudantes foram os formadores(as) que estão atuando como coordenadores pedagógicos, acompanhando os CEFFAs e a formação pedagógica dos educadores/monitores no dia a dia. Por isso, o curso partiu da prática profissional desses formadores(as) a fim de compreendê-la, aprofundá-la e melhorá-la. Portanto, a prática socioprofissional como uma componente formativa foi integrada no processo de formação por Alternância.

Para não concluir e seguir no debate

Lembrando o que Carlos Rodrigues Brandão fala sobre educação quando ressalta que

O homem que transforma, com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação. (BRANDÃO, 1986, p. 14)⁸.

Ou, lembrando o que Paulo Freire tanto defendeu, de que o ato de educar é um ato do inacabamento; e, mais do que isso, este deve se constituir num processo de construção da autonomia, a prática da e na Alternância do curso foi um exercício da tríade aprender-ensinar-e-aprender.

Por quê? Porque ensinar exige a compreensão da educação como uma forma de intervenção no mundo, como ressalta Paulo Freire ao dizer que,

“[...] o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de

⁸ BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História.” (FREIRE, 1996, p. 54, grifo do autor)⁹.

Podemos dizer ainda, ancorado em Larossa, que,

“[...] a ação pedagógica consiste num “fazer” o real a partir do possível. [E que,] a educação moderna é a tarefa do homem que faz, que projeta, que intervém, que toma a iniciativa, que encontra seu destino na fabricação de um produto, na realização de uma obra.” (LAROSSA, 2004, p. 193)¹⁰.

Nesse sentido, compreender a educação e seus processos educativos passa, necessariamente, por entender a dimensão da vida, das relações que os homens estabelecem com os outros homens, pela cultura, produzindo e organizando seu espaço. Essas breves reflexões sobre a educação têm o sentido de encontrar e fortalecer os sentidos do ensino e da prática na construção do curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo como uma ação propositiva e de reflexão sobre um fazer no seu próprio movimento, como uma prática educativa reflexiva.

*Maria de Fátima Almeida Martins*¹¹
Belo Horizonte, setembro de 2012.

⁹ FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹⁰ LAROSSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

¹¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenadora da Licenciatura da Educação do Campo e coordenadora geral do curso de especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo.

Prefácio

Na luta pela educação do campo conheci inicialmente as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), em seguida as Casas Familiares Rurais (CFRs) e acompanhei a construção do fórum dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs). Nessa caminhada de quase duas décadas participei de cursos de formação continuada com monitores(as), seminários, congressos e palestras que discutiram a Pedagogia da Alternância (PA), orientei pesquisas e integrei bancas avaliadoras de monografias, dissertações e teses sobre o assunto. Estou no cotidiano com os educadores das EFAs no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LeCampo) e no curso de Especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo (PAEC). Nesse tempo, o que me emociona, me chama para a parceria e para o estar junto é a inquietação com o instituído, a busca pelo instituinte e a força propulsora da pulsão de vida que germina no movimento CEFFA.

Na leitura deste livro, ampliei meus saberes e meu envolvimento. Os artigos foram produzidos a partir das conferências realizadas no III Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil, bem como dos Projetos de Experimentação Pedagógica (PPEP) realizados pelos educandos e educandas do curso de especialização desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais em parceria com os CEFFAs. Uma produção histórica que traduz 34 trabalhos da Pedagogia da Alternância no Brasil. Um movimento que amplia sua ocupação no ambiente acadêmico - um número expressivo de dissertações, teses, monografias, cursos de especialização -; na conquista de políticas públicas; na construção de parcerias com instituições, universidades, órgãos públicos e organizações governamentais; e em publicações, com ênfase na linha editorial produzida pelo próprio CEFFA.

Nesse contexto, coloquei-me no lugar de leitora que faz perguntas aos autores partindo dos quatro pilares que estruturam o movimento: a Pedagogia da Alternância; a associação das famílias e comunidades (pilares meios); a formação integral/

emancipatória; e o desenvolvimento sustentável e solidário como pilares fins. Como não podia deixar de ser, indaguei sobre as possibilidades e os limites do movimento CEFFA com relação à luta pela Educação do Campo.

A Pedagogia da Alternância apresenta-se, neste livro, como princípio, método e estratégia de formação. Como estratégia, viabiliza a presença dos povos do campo na escola à medida que organiza o calendário escolar com o calendário agrícola. Parece simples, mas, no contexto brasileiro, é uma prática inovadora. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 1996, afirma, em seu artigo 28, a possibilidade de flexibilizar os tempos e espaços das escolas rurais, mas pouco se sabe da construção da efetivação desse direito nas escolas públicas. Nesse sentido, a PA, praticada pelos CEFFAs, tem muito a ensinar.

Os artigos, porém, informam-nos que a PA nos CEFFAs assume significados para além da garantia do direito ao acesso à escolarização. A PA aparece-nos como dimensão organizadora dos tempos/espaços formativos que acontecem na escola e no contexto econômico, político, social e cultural dos educandos(as), de suas famílias e de suas comunidades. A superação da dicotomia entre teoria e prática é exercitada no cotidiano do fazer pedagógico, na utilização de instrumentos e processos pedagógicos que priorizam o diálogo de saberes, a experimentação, a valorização das culturas, o exercício da produção de conhecimentos. Como anunciado em alguns artigos, a característica da Pedagogia da Alternância é de fato a consolidação do diálogo entre o mundo da escola e mundo da vida.

O educando e a educanda constituem-se como sujeitos coletivos. Integram famílias e associações que participam diretamente da gestão pedagógica, administrativa e política dos centros de formação. São sujeitos que resistem e nessa resistência constroem possibilidades para a permanência no campo numa perspectiva de produção sustentável da vida. Arrisco em dizer que são os sujeitos coletivos que instauram a possibilidade de existência dos CEFFAs. São eles que reinventam novas formas de

existência, de sociabilidades, de fazer a escola, de produzir e socializar saberes.

Nessa perspectiva, a formação integral e emancipatória realizada nos CEFFAs informa-nos a presença de sujeitos que se apresentam em sua especificidade, mas na perspectiva de integrar uma sociedade mais justa e fraterna. Por isso, o currículo dos centros considera como fundamental os conteúdos da base comum nacional, mas esses saberes não se apresentam como desvinculados da realidade no âmbito local, nacional e global. A prática da educação contextualizada concretiza-se à medida que a realidade socioprofissional dos(as) educando(as) é conteúdo sistematizado e discutido à luz dos referenciais teóricos nos planos de estudos e nas colocações em comum. Os temas que integram os planos de formação dos(as) monitores(as) e dos(as) educandos(as): interdisciplinaridade; transdisciplinaridade; polidisciplinaridade; multidisciplinaridade; formação técnico-profissional; juventudes rurais; agroecologia; sustentabilidade; economia solidária; dentre outros; evidenciam a preocupação com o processo formativo como construção de um projeto de vida para os jovens.

Há desafios a serem enfrentados. Os artigos indicam que alguns temas, como a posse e o uso sustentável da terra, a vivência da opressão e da prática dos movimentos sociais como matrizes formadoras, necessitam serem reforçadas nas práticas formativas dos CEFFAs.

O pilar do desenvolvimento sustentável recebe uma profunda reflexão de sua construção histórica bem como se constitui como desafio conceitual e formativo em vários artigos. O termo desenvolvimento é revisto, problematizado e redefinido em vários artigos. Vinculado a ele aparecem termos/expressões/conceitos como produção da vida, sustentabilidade, bem viver, agroecologia, solidariedade, convivência, dentre outros. A formação voltada para a transformação do sujeito, do seu meio e da sociedade mais ampla ocupa lugar de destaque nos artigos. Os autores perguntam: tomando como base o processo formativo desenvolvido nos CEFFAs, que tem como um de seus pilares o desenvolvimento do

meio, o debate sobre as relações de trabalho que se desenvolvem neste meio, não podem ser alijado do currículo escolar, que em todas as etapas deve questionar: quais relações estão sendo construídas? Que processos de exploração existem? Como os sujeitos participam desse processo? Que relação os sujeitos estabelecem com a natureza (aniquilamento ou preservação)? Enfim, como a vida é produzida?

Com relação à sustentabilidade, está presente a preocupação. Como a prática dos CEFFAs aborda a produção da vida: na perspectiva do bem viver ou ao lado do processo de acumulação capitalista? É instigante ler nos artigos alguns questionamentos: para onde caminham os CEFFAs do Brasil após 40 anos de história? Por qual tipo de desenvolvimento trabalha o movimento da Pedagogia da Alternância no Brasil? Que sustentabilidade almejamos e construímos em nossos discursos e práticas? Estamos a serviço de quem/de quê?

As narrativas que descrevem práticas indicam-nos que os CEFFAs já exercitam a abertura de trilhas com essas perspectivas. Os egressos dos CEFFAs permanecem e fazem diferença em suas terras e comunidades. Os dados levantados em uma pesquisa demonstram que 89% dos jovens já formados em uma escola continuam vivendo no campo, no seu meio socioprofissional.

Há também, nos textos, a preocupação com os(as) educadores(as), que no movimento se colocam como monitores(as). A arte de formar, informar, construir juntos e acompanhar o estudante numa perspectiva de colaboração requer do(a) monitor(a) habilidades para além do que se espera de um(a) professor(a). No CEFFA, o(a) monitor(a) ocupa a centralidade na condução do processo formativo, mas não é seu único condutor e não decide sozinho. Essa condição o coloca em uma situação do mestre que também aprende, que faz, refaz e reconstrói as trilhas do conhecimento, na transformação do modelo societário que impede a produção e reprodução da vida na perspectiva camponesa.

E a questão final: em que as práticas e saberes desenvolvidos no movimento CEFFA informam e interrogam a Educação do Campo?

A Educação do Campo constrói-se na luta pela superação do modelo de educação rural. O movimento CEFFA participa dessa caminhada desde os seus primórdios, isto é, integra o conjunto de sujeitos coletivos que estão construindo a história, os princípios, os conceitos, as práticas e os marcos legais da Educação do Campo. Nessa trajetória, podemos ver a Pedagogia da Alternância como uma das contribuições do CEFFA à Educação do Campo. Seus princípios, instrumentos e práticas iluminam os projetos de educação de jovens e adultos, educação básica, educação profissional e ensino superior desenvolvidos na perspectiva da Educação do Campo. A prática da gestão realizada pelas famílias, organizadas em Associações, é uma dimensão ainda pouco explorada pelo movimento da Educação do Campo como um todo, mas certamente aí se encontra uma semente fértil a ser plantada em outros territórios educativos. Por outro lado, os debates sobre a construção de sociedades sustentáveis, protagonismo, luta pela terra, pedagogia dos movimentos e das lutas sociais passam a integrar as preocupações do cotidiano e das pesquisas nos CEFFAs.

Os movimentos que articulam a Educação do Campo aprendem com os CEFFAs; e, nos textos deste livro, é possível ver que os CEFFAs aprendem com as experiências formativas de outros movimentos. Uma salutar e esperançosa construção de um projeto pedagógico que contribuirá para o fortalecimento da luta conjunta pela superação da desigualdade no campo e na cidade. Nessa caminhada entendo que aumenta meu interesse, admiração, respeito e compreensão de que a proposta formativa apresentada pelo movimento em seus quatro pilares – Pedagogia da Alternância; associação das famílias; formação integral e emancipatória; desenvolvimento local sustentável e solidário – é um caminho promissor para a construção de um projeto educativo para os Povos do Campo.

Profa. Dra. Maria Isabel Antunes-Rocha
EDUCAMPO/FAE/UFMG

Sumário

Capítulo 1

Aprendizagens e relações humanas na Formação por Alternância, **35**

Pedro Puig-Calvo e Jean-Claude Gimonet

Capítulo 2

Alternativas socioeducativas para a sustentabilidade na ruralidade, **71**

Roberto García-Marirrodriaga

Capítulo 3

Do desenvolvimento insustentável à sustentabilidade do envolvimento: ou simplesmente bem viver?, **83**

Carlos Eduardo da Silva Mazzetto

Capítulo 4

A formação pelo trabalho, **95**

Paolo Nosella

Capítulo 5

Entre inquietações e quietude: nas cartas, a pesquisa, **105**

Inês da Assunção de Castro Teixeira

Capítulo 6

O estado da arte da Alternância no Brasil, **137**

João Batista Pereira de Queiroz

Capítulo 7

Novas faces da Pedagogia da Alternância na Educação do Campo, **167**

Lourdes Helena Silva

Capítulo 8

A Pedagogia da Alternância como prática nas Casas Familiares Rurais do Rio Grande do Sul, **181**

Dioneia Maria Samua, Elizandra Manfio Zonta, Luis Pedro Hillesheim e Volnei Zonta

Capítulo 9

Dialogando com a formação e os saberes dos monitores da
Pedagogia da Alternância, **191**

Janinha Gerk de Jesus

Capítulo 10

Alternância e sustentabilidade: suportes para valorizar a vida,
dignificar a pessoa e tecer relações entre saberes, **199**

Rogério Caliari

Capítulo 11

Sustentabilidade, o campo e a Pedagogia da Alternância: em
busca da análise socioambiental, **209**

Ludmila O. H. Cavalcante

Capítulo 12

A relação Família e Estado: implicações para o papel
sustentável dos Centros Familiares de Formação por
Alternância, **221**

José de Arimatéia Valadão

Capítulo 13

Projeto Profissional do Jovem: desafios e possibilidades para
egressos da Escola Família Agrícola Bontempo, **229**

Marinalva Jardim Franca-Begnami

Capítulo 14

Reflexão acerca da Pedagogia da Alternância no Brasil, **249**
*Evilânia Bento da Cunha, Francisco José R. da Silva, Gilmar Vieira
Freitas, Maria Aparecida Brandão Monte, Maria Cecília Correa de
Farias e Roberto Telau*

Capítulo 15

Os Centros Familiares de Formação
por Alternância e a pesquisa, **263**

João Batista Begnami e Luiz da Silva Peixoto

Capítulo 1

Aprendizagens e relações humanas na Formação por Alternância¹

Pedro Puig-Calvo²

Jean-Claude Gimonet³

*A educação está reprimindo os talentos de muitos
estudantes; está matando a motivação para aprender.*

Ken Robinson

Introdução

Para situar a questão das relações humanas e das aprendizagens em Alternância, e seguir a lógica própria a partir da experiência, do real, do vivido, vamos começar com a descrição do sistema relacional que é constituído pelos eixos fundamentais dos Centros Educativos Familiares de Formação em Alternância (CEFFAs), para, posteriormente, expor as alternâncias existentes atualmente. Podemos dizer que o objetivo geral institucional dos CEFFAs é conseguir a promoção e o desenvolvimento das pessoas e de seu meio social, em curto, médio e longo prazos, por meio de atividades de formação integral, principalmente de adolescentes, mas, também, de jovens e adultos (GARCIA MARIRRODRIGA; PUIG CALVÓ, 2010). Na maioria das propostas educativas – Formação Inicial, Formação Contínua, Formação Permanente, Formação ao Longo da Vida –, na diversidade de níveis educativos e de finalidades profissionais, a Alternância é uma alternativa a considerar.

¹ Tradução do espanhol para o português por Thierry De Burghgrave.

² Doutor em Ciências da Educação, com mais de 35 anos de experiência no mundo da Alternância. Atualmente é secretário-geral da Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (AIMFR).

³ Doutor em Ciências Sociais do Desenvolvimento e Ciências da Educação. Foi diretor do Centro Nacional Pedagógico das Maisons Familiales Rurales (MFR) da França. Autor de livros e artigos especializados sobre a Pedagogia da Alternância.